

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Amazônia / Desmatam.
 Data: 06/04/94 Pg.: A2 180

JOSÉ GOLDEMBERG

A Amazônia revisitada

Em janeiro de 1988, teve lugar no Museu Goeldi, em Belém do Pará, uma conferência internacional sobre Alternativas ao Desmatamento da Amazônia, na qual um pesquisador do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais apresentou uma visão profética sobre as formas como a Amazônia poderia "ser salva da destruição". É preciso lembrar que, na ocasião, há seis anos, estava no auge o que se poderia chamar de visão cataclísmica e até histérica das queimadas na Amazônia. A nosso ver, sempre existiram dois componentes nessa visão, que teve enorme cobertura na mídia internacional:

■ A preocupação legítima dos cientistas e ecólogos com a destruição da Amazônia, com tendência a exagerar os aspectos negativos do que lá ocorria, como forma de atrair a atenção.

■ Um componente menos nobre dos países industrializados de lançar a culpa pelo efeito estufa nas queimadas da Amazônia, desviando a



A tendência à urbanização leva áreas ocupadas a perder população

atenção da realidade: a de que eles mesmos eram responsáveis pela poluição.

O segundo destes componentes foi desacreditado pelo trabalho do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) em 1990/1991 — e recentemente confirmado pela Nasa — de que o desmatamento na Amazônia havia caído à metade entre 1988 e 1990 e continuava a cair. De qualquer maneira, as emissões da Amazônia nunca contribuíram com mais

que 4% para as emissões mundiais de dióxido de carbono.

O que o pesquisador do Cedeplar (Donald Sawyer) fez foi uma análise das causas do desmatamento e de como poderiam ser removidas. De acordo com ele, se a "ocupação" da Amazônia estivesse ocorrendo devido a causas sociais profundas, não haveria como salvá-la por decreto. Sawyer não acredita que este tenha sido o caso, mas, ao contrário, atribui a corrida à Amazônia aos fortes estímulos (diretos e indiretos) oferecidos pelo governo na década dos 70. Entre os estímulos indiretos, a construção de estradas, telecomuni-

cações, energia e outros. As migrações para a Amazônia, na visão dos anos 70, aliviaríamos as pressões migratórias para o Sul e desviaríamos a atenção para a necessidade de uma reforma agrária no Nordeste, que são argumentos de natureza geopolítica, e não econômica. Na mesma categoria, a preocupação militar em garantir a posse da Amazônia pela sua "ocupação" por brasileiros.

Segundo Sawyer, todos estes argumentos têm pouco que ver com os interesses da maioria da população local (ou de outras regiões), menos ainda como a lógica do sistema capitalista, que teria sido mais racional e não se teria lançado em projetos especulativos de alto risco, a não ser com subsídios do governo federal.

A precariedade e instabilidade da expansão da fronteira agrícola, devidas a estímulos artificiais baseados fundamentalmente em interesses especulativos, e não produtivos, gerou pressões constantes para a expansão cada vez maior da fronteira agrícola, atuando como uma espécie de "câncer" no resto da Amazônia. Nas palavras de Sawyer, a precariedade da ocupação da terra provoca a degradação, que provoca expansão, num círculo vicioso permanente.

As soluções propostas em 1988 são muito interessantes, porque, na prática, foram adotadas e são responsáveis pela redução do desma-

tamento da Amazônia:

■ Eliminar incentivos governamentais e as obras de infra-estrutura que facilitam a degradação;

■ Reduzir as pressões populacionais que redundam em migrações para a Amazônia;

■ Consolidação das áreas já ocupadas, o que corresponde, na prática, à adoção de um zoneamento ecológico-econômico que o governo tenta fazer desde 1990, mas ainda não conseguiu;

■ Formas menos predatórias de ocupação por meio do uso de culturas perenes, em lugar da exploração da madeira ou da conversão da floresta em pastos.

A ocupação da Amazônia pelos processos normais trará maior racionalidade e preservação da floresta, como já está ocorrendo em várias áreas. Por exemplo, a tendência à urbanização está levando várias áreas ocupadas da Amazônia a perder população. Além disso, os avanços tecnológicos, com agricultura intensiva, necessitam de áreas menores e mais bem localizadas em relação aos centros de consumo, desencorajando a expansão da fronteira agrícola até regiões praticamente inacessíveis ou economicamente inviáveis.

■ José Goldenberg, professor visitante da Universidade de Princeton (EUA), foi reitor da USP e ministro da Educação